



Revista Brasileira de Sociologia

ISSN: 2317-8507

revbrasilsociologia@gmail.com

Sociedade Brasileira de Sociologia

Brasil

Silva Bezerra Linhares, Maria Isabel; Oliveira de Almeida, Nadja Rinelle; Pinho de Carvalho, Alba Maria

CORPOS E CIDADE EM MOVIMENTO: JOVENS E (IN) VISIBILIDADES NOS CIRCUITOS ECONÔMICOS E COMERCIAIS NA CIDADE DE SOBRAL-CEARÁ
Revista Brasileira de Sociologia, vol. 2, núm. 4, julio-diciembre, 2014, pp. 235-248

Sociedade Brasileira de Sociologia
Aracaju, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=595765817010>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

Maria Isabel Silva Bezerra Linhares*

Nadja Rinelle Oliveira de Almeida**

Alba Maria Pinho de Carvalho***

CORPOS E CIDADE EM MOVIMENTO: JOVENS E (IN) VISIBILIDADES NOS CIRCUITOS ECONÔMICOS E COMERCIAIS NA CIDADE DE SOBRAL-CEARÁ

RESUMO

Esse artigo consubstancia reflexões sobre a inserção precarizada de jovens trabalhadores no espaço da cidade em movimento em tempos contemporâneos. Parte de uma observação atenta e vigilante do espetáculo de corpo jovens, em suas performances, nos percursos do seu trabalho de venda de produtos, no centro da cidade de Sobral, no Estado do Ceará. Incide o foco analítico nos processos de mercantilização na civilização do capital, a adentrar no universo das juventudes, como uma dimensão da sociedade do espetáculo. Enfoca os movimentos de corpos, a encarnar a precariedade do trabalho, nos circuitos da cidade, em articulação com os próprios movimentos de expansão do capital.

Palavras-chave: Jovens trabalhadores. Corpos. Espetáculo.

Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Formação Especial Pedagógica pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e Mestrado em Gestão Pública pela mesma Universidade. Doutoranda em Sociologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), vinculada à linha de pesquisa Processos de Trabalho, Estado e Transformações Capitalistas. Bolsista da CAPES desde agosto de 2011. Atualmente é professora Assistente da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) atuando especialmente nos seguintes temas: Políticas Públicas, Política de Assistência Social, Avaliação de Políticas Públicas, Trabalho, Juventude, Participação, Gestão Social, Movimentos Sociais. Pesquisadora e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Culturas Juvenis (GEPECJU), coordenando a linha de pesquisa "Juventude, Trabalho e Políticas Públicas".

Endereço para acessar o CV: <http://lattes.cnpq.br/6265061354535041>

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Mestre e atualmente doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC), vinculada à linha de pesquisa Educação Ambiental, Juventudes, Arte e Espiritualidade. Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) desde agosto de 2013. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Culturas Juvenis (GEPECJU) e do Grupo de Estudos Pesquisas Juventudes, Sociedade e Cultura. Endereço para acessar o CV: <http://lattes.cnpq.br/8437059537669255>

pos de Ajuste; Transformações na América Latina; Emancipação Social no Século XXI; Brasil Contemporâneo; Estado e Políticas Públicas; Democracia; Política de Assistência Social; Avaliação de Políticas Públicas; Epistemologia e Metodologia das Ciências Sociais.

Endereço para acessar o CV: <http://lattes.cnpq.br/5941867047206757>



ABSTRACT

This article embodies reflections on the precarious insertion of young workers in the city space in motion in contemporary times. Part of close observation and body show the vigilant youth in their performances, the routes of its work product sales, in the center of the city of Sobral, state of Ceará. It focuses the analytical focus on commercialization processes in the capital of civilization, enter the universe of youths, as a dimension of spectacle society. Focuses on the movements of bodies, to embody the precariousness of employment in the city circuits in conjunction with their own capital expansion movements.

Keywords: Young workers. Bodies. Show.

RÉSUMÉ

Cet article incarne réflexions sur l'insertion précaire des jeunes travailleurs dans l'espace de la ville en mouvement à l'époque contemporaine. Une partie de l'observation proche et le corps montré aux jeunes vigilants dans leurs performances, les itinéraires de ses ventes de produits de travail, dans le centre de la ville de Sobral, l'état de Ceará. Il se concentre sur la mise au point d'analyse des processus de commercialisation dans la capitale de la civilisation, entrer dans l'univers des jeunes, comme une dimension de la société de spectacle. Met l'accent sur les mouvements des corps, pour incarner la précarité de l'emploi dans les circuits de la ville en collaboration avec leurs propres mouvements d'expansion des immobilisations.

Mots-clés: Jeunes travailleurs. Corps. Spectacle.

Maria Isabel Silva Bezerra Linhares
Nadja Rinelle Oliveira de Almeida
Alba Maria Pinho de Carvalho

CORPOS E CIDADE EM MOVIMENTO: JOVENS E (IN)
VISIBILIDADES NOS CIRCUITOS ECONÔMICOS E
COMERCIAIS NA CIDADE DE SOBRAL-CEARÁ

1. Jovens (in)visíveis e suas performances de trabalho nas ruas

Que mundo social é esse que vem se perfilando nas dobras das mutações em curso nas últimas décadas? Com quais parâmetros pôr em perspectiva e sob perspectiva crítica os novos ordenamentos sociais urdidos nessa virada dos tempos? De fato, compreender a situação hoje estampada nas grandes cidades é um desafio que nos interroga quanto aos critérios capazes de conferir inteligibilidade a um panorama urbano muito alterado em relação às décadas passadas, e que vem se modificando em ritmo acelerado em tempos de financeirização da economia, autonomização dos mercados e revolução tecnológica.

(Telles, 2012: 1)

As questões fundantes, circunscritas por Vera Telles, nos provocam a ampliar e rever padrões analíticos, no esforço de



compreender as mutações urbanas em curso, em seu ritmo contemporâneo de aceleração. Para tanto, é preciso um olhar atento e vigilante para a multiplicidade de cenas na cidade. Interessa-nos focar situações, fenômenos que vinculam juventudes e trabalho, movimentando o nosso foco específico para as performances juvenis no exercício do trabalho precário, no espaço urbano sobralense, no Estado do Ceará.

*Antropologizzar*¹ pelas ruas do centro de Sobral-Ceará tornou real para nós o fluxo de mudanças que ocorrem nos centros urbanos, através dos ritmos acelerados, próprios destes “tempos de financeiração da economia, autonomização dos mercados e revolução tecnológica”, como afirma Telles (2011). Nestas preambulações, deixamo-nos guiar pelos sentidos para elaborar, nas dobras de cada cena que se constitui a partir dos corpos alojados neste espaço, percepções de como as paisagens urbanas se instituem, criam movimentos e emitem significados a partir deste cenário.

Na animação destes corpos e dos usos das ruas feito por eles, podemos encontrar uma ressignificação destas ruas que integram o centro desta cidade nos dias de sábado, quando uma paisagem composta de “encontros”, “festa” e “animação” dita a cena das ruas do centro de Sobral.

A cena de hoje faz-nos evocar as festas populares medievais no século XV, quando, nos regozijos do carnaval, por exemplo, os corpos se misturavam, indistintamente, participando de um mesmo estado da comunidade, levado à sua incandescência. Nada se tornaria mais estrangeiro a essas festividades do que a ideia de espetáculo, de distanciamento e de apropriação somente pelo olhar. (Le Breton, 2012).

¹ Termo utilizado pela professora Glória Diógenes em seu blog: <http://antropologizzando.blogspot.com.br/>



Imagen do Beco do Cotovelo na cidade de Sobral-Ceará, 2014

Fonte: <http://www.odebateinformativo.com>

As traduções dessa mistura de corpos, nas ruas do centro da cidade, ocorrem do Beco do Cotovelo, com seus poetas, radialistas, políticos e os que comentam as novidades da semana. É este um espaço tradicional de Sobral, situado entre a Praça Monsenhor Linhares e a Praça de Cuba, justamente a parte da cidade onde se concentram as lojas, o comércio variado e os vendedores ambulantes, independentes, autônomos e artesãos. É especialmente nesses espaços que ocorrem as mais diversas manifestações, espetáculos, improvisações e acontecimentos, tidos como importantes, que indicam e revelam a pulsação da cidade, mostrando que ela “está viva”. O Beco, de modo especial, é o termômetro social e comercial da cidade.

Na composição destas cenas “de comportamentos corporais e formas de sociabilidade nas ruas [...] passíveis de alimentar de modo diversificado as interpretações sobre os usos desses lugares públicos” (Fraya, 2009: 164), focamos nosso olhar nos corpos jovens e suas performances. Elas se manifestam, por meio de improvisos, para mobilizar potenciais consumidores e para dar conta de suas ocupações provisórias e precárias, porém visíveis. Referimos-nos à visibilidade de seus corpos chamativos, revelada nas roupas coloridas que identificam marcas e produtos, que ora representam. Um comportamento

corporal elaborado para um “trabalho”. A criação de um personagem caracterizado para este fim. Um corpo que se move, que interage, que atua na rua, cumprindo ou não suas funções, produto e produtor de contexto. (*idem*, 2009).

Na caracterização, atuação e interação destes jovens nas ruas para atrair os clientes, interpelou-nos a condição de cada um daqueles jovens trabalhadores, naquele local, questionando essas experiências de trabalho. E entender as experiências desses jovens, muitos deles pobres, no exercício do seu trabalho, aponta algumas pistas para repensar as tensões e nervuras que marcam suas vidas. Esse caminho pode trazer novos indicadores de sentidos para ver o mundo ao alcance real desses jovens e trazer questões que fomentem o campo do trabalho. Trata-se de perceber os indivíduos como constelações de circunstâncias, nos termos de Norbert Elias (1994).

Para entender os jovens sobralenses em sua produção da vida social, sejam eles estudantes secundaristas ou universitários, estejam eles dentre os “nem-nem”², ou no contingente de jovens das periferias-da-vida³, buscamos desvencilhar-nos das binariedades entre “a cidade global” e a “exclusão social”: de um lado do mundo, os ganhadores; do outro, os ditos perdedores. De fato, tudo está enevoado e fora de foco, e o que se assenta e germina nesse cenário é o sujeito flexível, necessário e produtivo ao capital (Harvey, 1994), gerador de distintas consequências, em especial para a vida das juventudes empobrecidas.

Este contexto de permanente demanda de flexibilidades e produtivismos para as juventudes, nesta civilização do capital, verifica-se pela baixa remuneração e longas jornadas de trabalho, pela dificuldade para conciliar trabalho e escola, pelos altos níveis de desemprego,

2 Designação usual, em tempos contemporâneos para designar jovens que nem estudam e nem trabalham

3 Retomamos esta configuração de “periferias de vida” das reflexões de Alba Carvalho sobre as formas de exclusões/inclusões precárias que atingem as juventudes no mundo em que vivemos, despojando-as de condições, de uma vida onde possam desenvolver a sua própria humanidade. Ver Alba Maria Pinho de Carvalho: Jovens construindo emancipações: desafios e lutas. ADITAL. 2009.

aliados às exigências de empregabilidade, impostas pelo mercado, além de uma relação de dissonância entre o que o mercado solicita e o que a educação básica e superior oferece.

Como afirma Telles (2006), a tragédia social se faz visível pela produção de “disjunções” ou “dessimetrias” que marcam, especialmente, a condição juvenil no tempo presente. Uma “vida de inconstâncias”, marcada pelas estruturas sociais cada vez mais fluídas que levam os jovens sentirem a sua vida balizada por crescentes flutuações, descontinuidades, reversibilidades, movimentos autênticos de vaivém. (Pais, 2006).

Se falamos antes em visibilidade, perguntamos: o que nos salta aos olhos quando observamos esses espetáculos realizados pelos jovens no seio dessa cidade? Que aspectos chamam atenção dos transeuntes e consumidores da cidade – os produtos, as alegorias, as roupas chamativas, os adereços que utilizam como recursos para chamarem atenção dos possíveis compradores? Indagamo-nos se os jovens confundem e se confundem nesse espetáculo de vendas e consumo.

Atentos aos espetáculos produzidos pelos corpos nas ruas do centro da cidade, nossos olhos foram atraídos por um grupo de jovens que vendiam os aparelhos e serviços da Oi. Muito interessante, pois cada um portava o símbolo da Oi, afixado nas costas e sustentado, na altura da cintura, por um suporte em formato de cinto, tal como um desfile carnavalesco. Ao lado desse grupo, mais outro grupo de jovens dançarinos animava a rua e a venda. Todos que por ali passavam paravam para olhar os produtos e a beleza e animação dos jovens no espaço da rua. Também indagavam sobre os preços, num ato em que pareciam querer consumir, ao mesmo tempo, os produtos, os corpos juvenis e a cidade.

Diante do espetáculo que esses corpos “evoluíam”, num ritual de interação com os transeuntes, pensamos a partir de Guy Debord (1997), ao afirmar que nunca a tirania das imagens e a submissão alienante ao império da mídia foram tão fortes como em tempos contemporâneos. São imagens em ação que se investe em poder – se assim podemos dizer – invadindo as fronteiras e conquistando todos os do-

mínios – da arte à economia, da vida cotidiana à política – passando a organizar, de forma consciente e sistemática, o império da passividade moderna, quando assim declara:

O mundo presente e ausente que o espetáculo faz ver é o mundo da mercadoria dominando tudo que é vivido. E o mundo da mercadoria é assim mostrado como ele é, pois seu movimento é idêntico ao afastamento dos homens entre si e em relação a tudo que produzem. (Debord, 1997: 28)

Esses corpos admirados e explorados transformam-se em objetos que a linguagem espetacular utiliza, a partir das atitudes que ela ordena, traduzindo o caráter fundamental da produção real, nos seus fetiches a seduzir e encantar. Para além das formas fetichizadas, é preciso ter presente que, “sob todos os pontos de vista, a forma-mercadoria é a igualdade confrontada consigo mesma, a categoria do quantitativo” (*idem*: 28).

Para Debord, o espetáculo é o momento em que a mercadoria “ocupou totalmente a vida social” (p. 30). E nos circuitos mercantis, importa considerar não somente a relação com a mercadoria, mas o que ela (in)corpora – pessoas e coisas produzidas, confundindo-as, produzindo uma certa (in)visibilidade do sujeito (in)corporado, (in)vadido, sujeitado. Nessa perspectiva, o mundo que se vê é o mundo da mercadoria, já que a produção econômica moderna espalha sua ditadura, dissimulada no mundo da fantasia do marketing.

Esse “mundo da mercadoria” – palco para esse jovem vendedor, jovem dançarino – produz significado em sua trajetória, por representar o passaporte de possibilidades para o ingresso no mercado de trabalho. Um corpo carimbado por uma marca para atrair a atenção dos consumidores. O corpo jovem que interpela os sujeitos que circulam pelas ruas a realizar paradas, quase obrigatorias para prestar os produtos.

Os investimentos na imagem corporal, segundo Pais (2006), contribuem para a construção da identidade dos jovens, conferindo-lhes

uma expressão simbólica de poder, uma vez que diferenciam entre si, através de atributos distintivos. Os jovens não são só possuidores de um corpo, como eles próprios são um corpo e, por isso, o simbolizam quando o vestem.

E é nessa imagem corporal fixadas de flutuações, de descontinuidades, que insistimos em focar nosso olhar questionador. Um olhar direcionado na/sobre a (in)visibilidade da desigualdade brasileira, para usar os termos de Jessé Souza, no seu livro que leva esse mesmo nome. Souza (2006) questiona: por que, apesar das aparências “inclusórias” e “participatórias”, quase tudo continua tão desigual?

Fabrício Maciel (2006)⁴, ao refletir sobre o mundo do trabalho contemporâneo, apresenta uma questão específica que diz respeito à condição psicossocial de trabalhadores socialmente desqualificados na modernidade periférica, contextualizados em um universo de intersubjetividade moral e simbólica que naturaliza e perpetua sua condição objetiva precária.

Esta perspectiva tem como pressuposto central o fato de que as relações intersubjetivas modernas são estruturadas por uma hierarquia moral pré-reflexiva do trabalho que naturaliza e reproduz situações objetivas de desigualdade social. Ao buscar entender a divisão do trabalho na vida moderna e, consequentemente, os efeitos causados por ela nos indivíduos, Maciel mostra que, na modernidade, o trabalho deixou de ser uma atividade vil e passou a ser gerador de dignidade e reconhecimento social, causando assim o surgimento de uma moral única e válida para todos. Entende que a filiação ao mercado de trabalho coloca-se como regra universal na busca pelo que Taylor chamou de “dignidade”. Isso ajuda a explicar por que a dimensão econômica da realidade social não determina, de forma exclusiva, a configuração das relações sociais.

Assim, é preciso entender que o conjunto de valores instituídos e institucionalizados na modernidade nos afirma o tempo todo e qual-

⁴ Fabrício Maciel apresenta essas suas interpelações no texto “Todo trabalho é digno? Um ensaio sobre moralidade e reconhecimento na modernidade periférica”, no livro “A invisibilidade da desigualdade brasileira”, organizado por Jessé Souza, publicado em 2006

quer forma de reconhecimento pessoal, e consequentemente dignidade e autoestima, só é possível quando conseguimos provar nossa utilidade prática na sociedade de mercado (Maciel, 2006).

2. Corpos em movimento: corpos que se movem nas veias abertas da cidade que pulsa

Entre os corpos que se cruzam e aqueles que elaboram o espetáculo para a venda da mercadoria, estávamos ali, sentindo a pulsação desta cidade, pela via dos sujeitos que estavam a elaborar a cena de mais um sábado e, especialmente à procura dos jovens. A nossa expectativa estava voltada para o encontro com estes corpos jovens, buscando observar, de forma atenta, os seus movimentos e suas performances. Vivíamos a cena como se cada uma das imagens, anteriormente visualizadas e sentidas, estivesse sido congeladas ou prontas para serem reativadas para prosseguirem no seu ritual de sedução, frente aos potenciais consumidores da cidade.

Numa tentativa de resgatar as imagens que não conseguimos “salvar” na memória e no diário de campo, retornamos ao mesmo lugar, numa tentativa frustrada, mas que nos fez perceber que a cidade que pulsa nem é estéril, muito menos, permite repetição e estagnação.

É o que nos lembra Pais (2003), quando dialoga sobre a sociologia do cotidiano. Para ele, o cotidiano significa a ruptura de uma rotina pré-estabelecida de uma viagem programada. É um tecido de maneiras de ser e de estar que não seguem um percurso linear, mesmo que as práticas cotidianas insinuem e façam parecer que o sujeito sempre segue em uma mesma direção, realiza as mesmas atividades, sem considerar as dimensões espaciais e temporais que envolvem as ações dos sujeitos.

Com esta ruptura, inerente às práticas cotidianas, podemos perceber como a cidade é fértil, produz e se reproduz incessantemente, o que implicou compreender o *homo economicus* sob uma nova perspectiva. Sennett (2008) recorre aos estudos de William Harvey, *De motu cordis* (1628), que, pela via de suas descobertas sobre circulação de sangue, deu início a uma revolução científica que viria

mudar a compreensão do corpo, dando origem a um novo modelo de imagem. O autor entende que essa nova compreensão do corpo coincidiu com o advento do capitalismo moderno, o que contribuiu para o nascimento da grande transformação social: o individualismo. Assim, implica dizer que o homem moderno é, sobretudo, um ser humano móvel. Adam Smith, em “A Riqueza das Nações”, ao reconhecer os trabalhos de Harvey, passa a conceber um mercado livre, de trabalho e mercadorias, operando de modo parecido à circulação do sangue e capaz de produzir idênticas consequências. No âmbito desta metáfora do corpo humano, Richard Sennett (2008), em suas pesquisas sobre o espaço urbano, sinaliza:

[...] A circulação de bens e dinheiro era mais lucrativa que a propriedade fixa e estável, que significava apenas um prelúdio para a troca – pelo menos no que diz respeito aos que conseguiam aumentar seu quinhão. Mas para que as pessoas pudessem beneficiar-se da economia circulante, Smith sabia que elas seriam obrigadas a abandonar velhas lealdades. Além disso, esses atores econômicos móveis teriam que aprender tarefas especializadas, individualizadas, de modo a terem algo diferente a oferecer. (Sennett, 2008: 262).

Com essa compreensão, passamos a perceber que os jovens sobralenses – aqui investidos na ideia do *homo economicus* especializado – poderiam movimentar-se por toda a cidade, explorando posses e habilidades oferecidas pelo mercado, e, ao mesmo tempo, ao serem coisificados, passam também a ser explorados e descartabilizados.

Este movimento dos corpos jovens por toda a cidade é real. A imagem do jovem que produzia o espetáculo, através das marcas da mercadoria, pulsava em outras veias da cidade. Não encontramos os mesmos jovens, mas outros que “se substituíam”. Falamos em “se substituíam,” ao invés de “os substituíam”, porque percebemos que o que importava não era os jovens trabalhadores, mas cada marca que representavam e transportavam.

Pensamos na flexibilidade/flexibilização dos tempos dos seus contratos e de suas experiências passageiras. Ficamos a indagar sobre as constantes mudanças de corpos de “jovens-propaganda” e das ocupações dos espaços da/na cidade: Quais vínculos criariam com suas breves experiências de trabalho ou emprego? Quais os sentidos de pertença à cidade, encarnados por esses jovens? Ao vê-los em suas performances no trabalho, quem se lembrará desses jovens, na condição de trabalhadores explorados? Os transeuntes na cidade de Sobral pensarão nestes “jovens-propaganda” como trabalhadores explorados ou como jovens que animam e embelezam a cidade?

Na continuidade de nossas preambulações pelas ruas do centro da cidade, fizemos uma parada no intuito de dialogarmos com outro grupo de jovens que também vendiam os serviços e produtos das operadoras de celular: Claro, Oi e TIM. Unidos e concorrentes, mas juntos e misturados. Esboçamos conversas, que foram adiadas para um momento mais oportuno, pois não podiam suspender as vendas, muito menos perder nenhum cliente, pois têm metas a cumprir.

Depois de nos identificarmos como pesquisadoras⁵ e referirmo-nos a uma pesquisa, em andamento, sobre juventude e o mundo do trabalho⁶, uma das jovens falou sobre seu trabalho “temporário”, mas percebemos que se investia no perfil do típico trabalhador responsável e, numa perspectiva moderna, empreendedor e autônomo. Vimos ali um peculiar “cidadão comum”, de quem nos fala uma letra da música do cantor Belchior.

5 Pesquisadoras do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Culturas Juvenis (GEPECJU)

6 “**Trajetórias juvenis face aos desafios do mundo do trabalho**: experiências sociais e interpretações individuais (em narrativas) de jovens sobralenses que buscam o primeiro emprego . Pesquisa desenvolvida por Maria Isabel S. Bezerra Linhares, coordenadora da linha de pesquisa Juventude, Trabalho e Políticas Públicas.



Fonte: Foto do arquivo pessoal, 2014



Fonte: Foto do arquivo pessoal, 2014

No lugar que os jovens se instalavam para fazer a divulgação da mercadoria, foi improvisado um espaço, um lugar de trabalho. Nas laterais do Palácio de Línguas (foto acima) em Sobral, prédio antigo, arquitetura nos moldes dos sobrados europeus, era visível o espaço constituído como o “lugar” de trabalho, em que as janelas largas e profundas passavam a substituir os armários de aço dos escritórios. Lá estavam seus pertences: bolsas, capacetes, celulares pessoais, ma-

teriais de trabalho das operadoras, tudo misturado, o que nos induziu a pensar nas múltiplas responsabilidades que esses jovens trabalhadores vêm assumindo: conquistam clientes, seduzem, direcionam atenção aos seus pertences e os instrumentos de seu trabalho (papéis, canetas, chips), tomando para si a responsabilidade pelas vendas, por seus corpos e suas coisas. Neste cenário tudo são coisas, tudo é alvo de venda, pois seus corpos e sua linguagem passam a ser elementos de uma mercadoria móvel, provisória, interessante/desinteressante, vendável ou não.

Refletimos também acerca dos movimentos dos muitos corpos que atravessam as avenidas da cidade sem se deixar atravessar, nem pelo colorido diferenciado das roupas dos jovens vendedores (vermelho da Claro, azul da Tim e lilás da Oi), muito menos pelo desconforto que castiga cada hora trabalhada, contada e medida. Entendemos que o movimento autônomo, de que nos fala Sennett (2008), diminui a experiência sensorial, despertada por lugares ou pessoas que neles se encontram:

Hoje, como o desejo de livre locomoção triunfou sobre os clamores sensoriais do espaço através do qual o corpo se move, o indivíduo moderno sofre uma espécie de crise tátil: deslocar-se ajuda a dessensibilizar o corpo. Esse princípio geral vem sendo aplicado a cidades entregues às exigências do tráfego e ao movimento acelerado de pessoas, cidades cheias de espaços neutros, cidades que sucumbiram à força maior da circulação. (Sennett, 2008: 262).

Analizar a sociedade hoje e as tramas de sobrevivência e busca de reconhecimento pelos jovens, de afirmação de cidadania pelo trabalho, requer para Telles (2011) uma compreensão das mutações no mundo do trabalho, “que redesenham espaços e territórios urbanos nas trilhas de redes de subcontratação”, manifestas das periferias ao centro. A rigor, sugere compreender o que Giovanni Alves (2011) denomina de “nova morfologia social do trabalho”.

Se é verdade que a cidade oferece todos os ingredientes que alimentam os discursos e o imaginário da “cidade global”, com seus artefatos sempre presentes e sempre iguais em todas as grandes metrópoles do planeta, também é verdade que a vida social é atravessada por um universo crescente de ilegalidades que passa pelos circuitos da expansiva economia (e cidade) informal, o chamado comércio de bens ilícitos e o tráfico de drogas (e seus fluxos globalizados), com suas sabidas (e mal conhecidas) capilaridades nas redes sociais e nas práticas urbanas. (Telles, 2011, p. 02)

Considerações Finais

Em tempos de financeirização da economia e autonomia dos mercados, nos circuitos da tecnologização da ciência, a expansão sem limites do capital gesta a precariedade estrutural do trabalho. Especialmente, as juventudes são atingidas por esta precarização que é ampla, expandindo-se para além do mundo laboral: precariza-se não só a força de trabalho, mas a vida de quem trabalha. É a precarização laboral e existencial na civilização contemporânea do capital.

Ao longo do percurso investigativo, seguindo trajetórias juvenis face aos desafios do mundo do trabalho em Sobral, podemos bem perceber como jovens trabalhadores vivenciam esta precariedade ampliada que se estende na vida social. É um segmento da classe trabalhadora a constituir em tempos contemporâneos um desafio analítico. O nosso foco incide na relação juventude trabalho no contexto da vida urbana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, G. (2012). “Trabalho e nova precariedade salarial no Brasil: a morfologia social do trabalho na década de 2000 (2000-2010)”. Coimbra, Portugal: *Oficina do CES* nº 381.

DEBORD, G. (1997). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.

ELIAS, N. (1994). *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar.

FRAYA, F.(2009). “Usos da Rua”, In: FORTUNA, C. e LEITE, R. P. (orgs). *Plural da cidade: novos léxicos urbanos*. CES/Almedina: Coimbra.

HARVEY, D. (1994). *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola.

LE BRETON, D. (2012). *Antropologia do corpo e da modernidade*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

PAIS, M. (2006). “Buscas de si: expressividades e identidades juvenis”. In: ALMEIDA, M. I. M. de; EUGÊNIO, F. (orgs.). *Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Zahar.

PAIS, M. (2003). *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez.

SENNETT, R. (2008). *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: BestBolso.

SOUZA, J. (2006). *A invisibilidade da desigualdade brasileira*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

TELLES, V. S. (2012). *Deslocando o ponto da crítica: indagações a partir de realidades urbanas em mutação* (anotações inconclusas de um percurso de pesquisa). Disponível em: <http://www.veratelles.net/home/wp-content/uploads/2013/04/2006-Deslocando-o-ponto-da-critica.pdf>.

Artigo recebido em setembro de 2012 / Aprovado em 20 de novembro de 2012 / 4